



**Laboratórios Didáticos da Faculdade de Educação da USP (LabEduc)**  
**Laboratório de Ciências Humanas e Meios de Condução de Trabalhos Práticos e**  
**Similares (LabCH)**  
**Materiais**

**Projeto:** Arqueologia e patrimônio em sala de aula: Ações educativas para alunos do 6º ano da EMEF João Carlos da Silva Borges

**(PIBID) Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Subprojeto**  
**História – 1º e 2º semestres de 2015**

**Participantes:** Branca Zilberleib; Caroline Mariano; Luís Cláudio Reginato; Lucas Figueiredo Torigoe; Micael Lazaro Zaramella Guimarães; Mateus Mendes; Sara Caroline Silva; Melina Pissolato e Gonçalo de Andrés Fernandez.

**Professora Orientadora:** Dislane Zerbinatti Moraes

### **Introdução**

A arqueologia, surgida com a expansão imperialista do capitalismo industrial do século XIX, por muito tempo manteve-se distante das grandes massas que apenas participavam da disciplina como mão-de-obra. Nos últimos tempos, houve uma preocupação maior com sua dimensão social, a inclusão dos grupos sociais populares e a inserção e a difusão do conhecimento da cultura material. Na década de 90, fortaleceu-se o que viria a se chamar de Arqueologia Pública, voltada para a interação com a sociedade. A educação passa a ser um campo de atuação relevante da arqueologia. Aliados a esse interesse, procuramos fazer da sala de aula um espaço para o aprendizado de questões que digam respeito ao patrimônio, favorecendo um uso do passado menos unilateral e elitista.

O trabalho foi realizado na EMEF. Prof. João Carlos da Silva Borges, situada na Alameda dos Tupiniquins, 1473, Moema, que faz parte da Diretoria Regional de Educação Ipiranga/SP, especificamente com os sextos anos A e B, turmas compostas por 18 alunos, a maioria dos quais mora em bairros distantes da escola; estudam ali porque seus pais trabalham perto.

Quanto aos sextos anos, a partir do trabalho com os conteúdos históricos, os conceitos e os temas bem como das práticas metodológicas que orientam os alunos a analisarem determinadas realidades históricas, esperava-se que eles pudessem “(...) reconhecer a importância do patrimônio étnico-cultural e artístico para preservação da memória e identidades e conhecer a importância dos acervos arqueológicos em museus”. Esses objetivos estão no documento “*Orientações curriculares: proposição*”

de expectativas de aprendizagem”, da Secretaria Municipal de Educação do município de São Paulo.

Os estudantes do PIBID viram no trabalho relacionado à arqueologia, desenvolvido no 6º ano pelo professor supervisor Gonçalo de Andrés Fernandez e da POIE Carolina Ribeiro, uma oportunidade de intervenção, pois alguns deles já estavam envolvidos em escavações e análises de fragmentos, o que poderia enriquecer o trabalho de sala de aula.

## Objetivos

Além dos dois objetivos citados acima, e que constam em documento oficial da rede municipal de ensino, podemos citar os seguintes:

- comparar a ocupação atual da cidade de São Paulo com a efetuada por outras populações antes da chegada dos europeus, identificando relações de mudança entre a organização da sociedade atual e as sociedades coletoras e caçadoras;
- identificar registros não escritos que informam sobre sociedades que habitaram o território brasileiro há milhares de anos.

## Desenvolvimento do trabalho

Levando em conta o estudo sistemático de textos a respeito do trabalho do arqueólogo e das descobertas realizadas nos últimos anos, e do estudo de imagens relativas à arqueologia no laboratório de informática, propusemos atividades práticas. Elencamos a seguir as etapas e atividades desenvolvidas de modo sintético. Em anexo, apresentamos um relato mais extenso de três momentos: Visita aos Museus, MAC e MAE, oficina de cerâmica e atividades interativas com os kits educativos do MAE.

### 1. Visita à exposição Olhares Cruzados nos Museus da USP – Identidades Diversas.

Havia na exposição peças de quatro museus da USP: o Museu de Arte Contemporânea (MAC), o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), o Museu de Zoologia (MZUSP) e o Museu Paulista. Detivemos nossos olhares nos artefatos arqueológicos.

Os professores que acompanharam os alunos constataram que alguns não tiveram atitudes adequadas: não se concentraram nos objetos, conversaram em voz alta no museu etc. Propusemos então que fosse feita uma autoavaliação, contendo as seguintes questões:

#### *A respeito de sua conduta durante a visita ao MAC:*

a) *Você respeitou as regras do museu?*

( ) *sim* ( ) *não*

*Explique*

b) *Você observou com atenção as peças do museu?*

( ) sim ( ) não

Explique

c) Você ouviu atentamente o que o monitor(ou monitora) tinha a dizer a respeito da exposição?

( ) sim ( ) não

Explique

d) Você colaborou com os professores e com os seus colegas para que a visita fosse proveitosa?

( ) sim ( ) não

Explique

e) Você aprendeu com essa visita? O quê?

f) Você fez perguntas ou colocações que contribuíram para que a visita fosse bem sucedida?

## 2.Exploração, na escola, do kit de artefatos arqueológicos e etnográficos do MAE

O tempo para a realização do trabalho foi de duas aulas, antecipadamente combinamos com as coordenadoras da escola que nos reservassem a 2ª e 3ª aulas para uma classe, e 4ª e 5ª aulas para o outro 6º ano.

No início foi feito um relaxamento com os alunos, pedimos para eles inspirarem pelo nariz e soltarem o ar pela boca, alguns alunos são agitados e isso poderia ajudar.

### 1ª Etapa

A sala foi dividida em 6 grupos, cada grupo sob a responsabilidade de um bolsista do PIBID:

- 1.Cerâmica (fragmento).
- 2.Pente.
- 3.Machado.
- 4.Ponta de projétil.
- 5.Lamparina.
- 6.Cerâmica(prato).

As crianças tiveram de manusear, observar e procurar descobrir o que essas peças “falavam” por si mesmas, o que elas comunicavam. Enquanto isso o bolsista ia orientando o grupo a levantar hipóteses sobre:

- Matéria-prima.
- Técnica.
- Função ou finalidade.
- Quem fez/ quem utilizou.

A seguir o aluno da USP anotava as hipóteses a que o grupo chegou para depois ajudar na apresentação.

## 2ª Etapa

Cada subgrupo, numa grande roda, apresentou suas peças e suas hipóteses para a classe. As crianças apresentaram e o estagiário do PIBID ajudou.

## 3ª Etapa

Bolsistas apresentaram:

- Caixa do lascamento (tentando sempre levantar hipóteses dos alunos e ver com qual peça anterior se relaciona) e pôster do lascamento.
- Modelagem (pôster), pergunta com qual peça se relaciona.
- Pôster lamparina iconografia (pergunta com qual peça se relaciona), texto lamparina, pôster moldagem

## 4ª Etapa

Aluno bolsista perguntou:

*O que é um museu?*

*Se alguém já foi a um museu?*

*Qual ou quais?*

Aluno bolsista explicou numa miniaula dialogada:

- MAE : *explicar o que é*
- *Por que essas peças estão num museu?*
- *O que se faz nesse museu?*
- *Quem trabalha nesse museu?*

## 3. A cerâmica ao longo do tempo – aula com estagiárias do PIBID

As bolsistas Branca Zilberleib e Caroline Mariano, a partir de imagens de potes de cerâmica marajoara e de peças de aparelho de jantar e de café, elaboraram algumas perguntas visando comparar os dois conjuntos: *que diferenças os alunos observavam; qual o uso que se faz nos dois casos; do que eram feitos e quando poderiam ter sido feitos*. Finalmente, foi pedido também que os alunos trouxessem um objeto de cerâmica para a sala de aula e fizessem um registro especificando se era artesanal ou industrial.

## 4. Exploração de kit do MAE – Lagoa Santa

Para a realização desta etapa, tomamos como modelo o trabalho já descrito no item 2, que trata da exploração do kit de artefatos arqueológicos e etnográficos.

## 5. Visita ao MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo)

A visita teve basicamente duas etapas: uma oficina e a apreciação da exposição daquele museu, os alunos gostaram muito, prova disso é a ficha avaliativa preenchida pelo aluno Leonardo de Souza Gonzatti, do 6º ano A.

Agora é o momento de você contar o que aprendeu e qual foi sua opinião a respeito da aula que teve fora da escola.

1) Sobre a oficina.

a) O que você achou de participar dessa atividade? *mas*  
 Muito legal mais o que eu gostei mais foi fazer os desenhos mais foi tudo muito legal

b) O que você aprendeu ao criar o grafite proposto pelos monitores?  
 Eu aprendi que o grafite também não é das coisas antigadas o grafite é uma forma de se expressar foi isso que eu aprendi

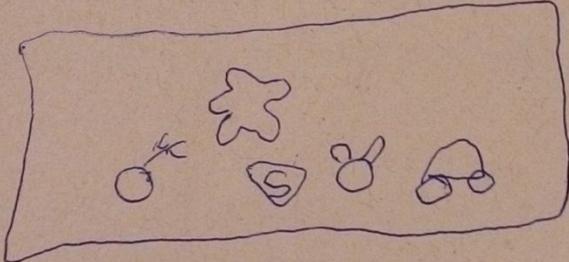
2) Sobre a apreciação da exposição.

a) O que você achou de participar dessa atividade?  
 Muito legal ainda mais os objetos que eles usam para cobrir

b) Qual objeto da exposição chamou mais sua atenção? Por quê?  
 Os objetos de cachaça por que pra gente é muito difícil cobrir com pedra foi isso que eu achei mais interessante

c) Qual foi a coisa mais importante que você pôde aprender a partir dessa exposição?  
 que eles não são igual a gente eles tem outra modo de se expressar Eles quem?

3) Represente por meio de um desenho algo importante para você no dia de ontem. Para fazer esse desenho você pode utilizar o verso da folha.

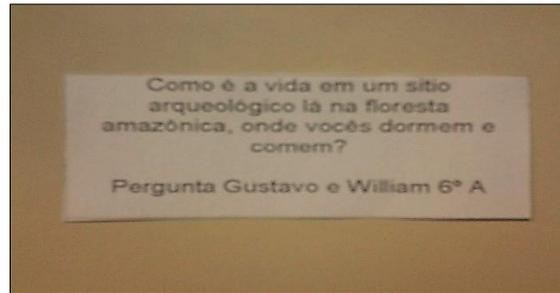


Visto  
 Ge

## 6. Entrevista a partir de questões elaboradas pelos alunos com a arqueóloga Denise Cavalcanti Gomes.

Na ocasião, Denise, que é professora do programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, realizou também uma palestra para a comunidade escolar.

Abaixo vemos uma pergunta elaborada pelos alunos Gustavo e Wiliam, do 6º ano A.



## 7. Confeção de peças de cerâmica

Dando continuidade ao trabalho realizado com a análise da cerâmica marajoara, a estagiária Branca Zilberleib propôs aos alunos confecção de peças de cerâmica; depois de elaboradas, tais peças foram levadas à Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA), onde foram colocadas num forno para o processo de queima. Depois de prontas, em cada uma das peças foi identificado seu autor.

## 8. Escavação arqueológica

O passo seguinte foi uma simulação de escavação arqueológica no espaço da escola sob orientação da bolsista Melina Pissolato; as cerâmicas elaboradas na etapa anterior foram enterradas em “sítios arqueológicos” devidamente quadriculados. Os alunos, munidos de pranchetas, receberam uma Ficha de escavação, nela teriam que identificar a quadrícula em que a peça foi encontrada, assim como descrever o artefato encontrado.

Abaixo, duas fotos da escavação e a ficha do aluno Nícollas Rodrigues Aguiar, 6º ano B.



EMEF Prof. João Carlos da Silva Borges – 27/11/2015  
Atividade: Escavação arqueológica  
Nome: Nicolas Rodrigues Aguiar 6º B

1) O que você mais gostou da atividade? Por quê?  
Sim porque mostra o que os arqueólogos fazem.

2) Em qual momento você sentiu mais dificuldade?  
Nenhuma

3) Este ano tivemos várias aulas sobre arqueologia. O que a escavação acrescentou no seu conhecimento?  
Eu sei sobre como o trabalho na prática

4) O que representa a peça de cerâmica que você fez? Por que você escolheu isso?  
Nada eu fiz porque os marajoletos faziam muito essas peças.

## Vínculos entre arqueologia e patrimônio histórico-cultural da cidade de São Paulo.

O texto de Sílvia Helena Zanirato, “São Paulo: exercícios de esquecimento do passado”, publicado na *Revista do Instituto de Estudos Avançados da USP*, nos estimulou a refletir sobre o pouco senso histórico de preservação e a perspectiva imediatista que diz respeito a boa parte das pessoas que vivem na cidade de S. Paulo, e a esse estranho hábito de se tentar apagar o passado.

### 1. Apresentação de slides – Várzea do Carmo

Nessa aula, dada na sala de vídeo pelo bolsista Mateus Mendes, foram apresentadas e analisadas duas imagens: a pintura a óleo “*Inundação da Várzea do Carmo*”, de Benedito Calixto, de 1892, e o mesmo espaço fotografado por Antônio Gaudério, em 2003.

A primeira questão apresentada aos alunos foi a seguinte: “As duas imagens tratam do mesmo lugar. É possível perceber isso?”

Logo a seguir, perguntou-se: Houve preservação de alguma parte?

A questão que serviu de eixo problematizador foi a seguinte: “Você acha importante preservar (proteger, conservar) os diversos locais da nossa cidade? Por quê?”

## 2. Leitura e discussão do texto *A Igreja do Bom Ladrão*, de Afonso Schmidt

Como nossa proposta, que faz parte do PIBID, cujo tema maior se insere no estudo da história da África e dos afrodescendentes, escolhemos esse texto em que o autor aborda, no começo dos anos 40, a necessidade de se preservar a igreja Nossa Senhora dos Remédios. Os bolsistas Luís Claudio Reginato, Sara Caroline Silva e Melina Pissolato, leram o texto junto com os alunos e levantaram uma série de questões pertinentes ao tema, qual seja, a necessidade de então de se preservar uma igreja que tinha sido tão importante para o movimento abolicionista. Quando os alunos se deram conta de que o lugar onde estava a igreja é o mesmo onde hoje está o Fórum Central, na Praça João Mendes, constataram que a luta do autor para o tombamento da igreja tinha sido em vão: a igreja foi demolida em 1942.

## 3. Leitura de trechos do livro *Preservando o Patrimônio*, de Maria Helena Pires Martins.

Só depois de trabalhado o tema concreto de preservação do patrimônio é que os alunos leram o texto contido no livro citado acima.

O grupo sentiu a necessidade de aplicar uma atividade avaliativa, parte dela é o que vemos a seguir.

4- Existe um tipo de patrimônio, de “riqueza”, que é importante porque ajuda a reconstituir a história de uma comunidade ou porque mostra muito bem as características dessa comunidade.

O texto traz vários exemplos do que pode ser considerado patrimônio de uma comunidade daqui de São Paulo, o bairro do Bexiga. Sobre isso, responda:

10 a- De onde vieram muitos imigrantes que viveram por lá? do

Itália

10 b- O que é vendido nas padarias desse bairro que mostra muito bem as características dessa comunidade? no

Pães do tipo italiano e vários pratos de cozinha italiana, como sandella, aliche etc.

05 c- Por que nesse bairro há tantas pizzarias?

Porque ficou conhecido como reduto da colônia italiana

05 d- Uma antiga padaria poderia ser considerada um patrimônio desse bairro? Por quê?

Sim, porque ela era a geração antes dos italianos chegarem

05 5a- Pense no bairro onde você vive. O que você acha que pode ser considerado um patrimônio (algo que tem valor) para a sua comunidade? 05

O Parque Ibirapuera

05 b- Explique por que você escolheu isso como PATRIMÔNIO de sua comunidade.

Porque várias pessoas vão mel para fazer esporte, piquê etc. E se ele acabar, muita gente vai lembrar dele.

## Resultados

Boa parte dos alunos mostrou-se bastante envolvida nos trabalhos e interessada pelo tema, que poucas vezes é tratado com profundidade na sala de aula. A visita ao MAC possibilitou aos alunos uma vivência num espaço diferente do espaço escolar, além da reflexão e o posicionamento de cada um deles sobre as atitudes que esse tipo de atividade requer.

Posteriormente, ficou claro, durante a ida ao MAE, o amadurecimento dos alunos no que diz respeito aos procedimentos adequados pertinentes à visita a uma exposição museológica.

### **Considerações finais**

O trabalho deste ano na escola Prof. João Carlos da Silva Borges provavelmente se estendeu para além das aulas e atividades que desenvolvemos. Notamos que por parte da escola, houve uma maior valorização das atividades do PIBID e o reconhecimento do quanto ter as portas abertas para tal projeto pode trazer para a comunidade escolar uma série de oportunidades.

A escavação arqueológica dirigiu o olhar de todos para um espaço antes esquecido pela comunidade: canteiros que estavam inutilizados. Isso despertou a vontade de construir ali, em 2016, um jardim.

Toda a movimentação em torno da escavação e sua preparação também estimularam os alunos das séries iniciais, que fizeram uma visita ao local e verbalizaram querer chegar ao 6º ano para participar desse trabalho também. Isso demonstra que o projeto realizado contribuiu para a valorização da escola, dando origem nos alunos menores a um sentimento de pertencimento a uma instituição que lhes pode proporcionar algo desafiador e divertido.



Apresentação  
 Diálogo  
 Digital  
 Práticas  
 Desenvolver  
 Criar  
 Educa

USP  
 USP  
 Educação  
 Inovação  
 LabEduc

**Anexo:**

Visitas ao MAE e MAC

Uma das primeiras atividades realizadas na escola foi a visita à exposição “Olhares Cruzados nos Museus da USP – Identidades Diversas”, no Museu de Arte

Contemporânea- USP, que ocorreu no início do mês de maio. Antes disso, o professor apenas havia introduzido o conceito de arqueologia, buscando saber o que eles conheciam sobre o assunto.

Nesse primeiro momento percebemos que a arqueologia não lhes parecia tão interessante, a exposição era formada por múltiplos enfoques: a mostra de zoologia recebeu muito mais atenção. Foi necessário que guiássemos os estudantes a uma análise, que foi recebida com pouco entusiasmo, também percebi o quão pouco sabiam sobre o assunto.



Um dos raros momentos que um aluno foi observar a mostra de arqueologia

Além disso, os alunos não seguiram as instruções, mexeram em objetos e correram entre a exposição. A bolsista Sara Caroline e o professor Gonçalo ficaram desanimados.

Já em setembro realizamos outra saída para o Museu de Arqueologia e Etnologia- USP, na mostra “Pelos caminhos da cidade de pedra: 30 anos de pesquisa arqueológica”. Foram visíveis as mudanças operadas cinco meses após o início do projeto. Além dos alunos se comportarem maravilhosamente bem, demonstraram interesse e bastante conhecimento sobre o assunto tratado.



Alunos analisando cerâmicos e líticos, orientados pela bolsista Melina Pissolato.



Alunos acompanhados pelo Monitor do MAE observando urnas de funerárias

A visita feita pelos alunos dos 6º anos teve em seu primeiro momento uma discussão em grupo, orientada pelos monitores do museu. Os estudantes se organizaram em um grande círculo, onde foi debatido conceitos já estabelecidos em sala, como o arqueológico, e aprofundados outros, como o etnológico. Também foram distribuídos objetos que fariam parte da temática estudada. Manuseados e analisados, serviriam como elemento de hipóteses sobre a época de sua confecção e utilização por um determinado grupo.

Surgiram alguns comentários sobre como o material era pior do que os de hoje e por isso nós éramos “melhores”, situação que foi contornada pela bolsista Melina, que

estava na função de educadora do MAE no dia. Outra questão interessante foi quando uma aluna julgou diversas vezes uma boneca Karajá seria “feia” e logo em seguida suas amigas discordaram, dizendo que beleza ou feiura é coisa relativa, antes mesmo de Melina completar, desenvolvendo essa teoria sobre como a estética muda de cultura para cultura, e que devíamos respeitar a deles, se assim ela fosse.



Aluno do 6º ano manuseando uma pedra lascada/afiador. Os alunos teriam que fazer teorias a respeito da utilidade e contexto dos objetos em mãos.

Em seguida, as salas foram divididas em dois grupos, um indo para a exposição do MAE, outra ficando para a oficina de *stencil* e pintura. Um dos educadores explicou que assim como as pinturas rupestres da pré-história contavam histórias e expressavam sentimentos dos homens da época, a pintura em paredes era comum na Roma antiga e hoje esta prática se encontra na forma de *graffiti*, *stencil* e pintura, e que eles deveriam nos contar uma história através de um desenho.



Tinta usada na atividade com stencil e pintura.



Alunas na atividade de *stencil*.



Desenhos produzidos pelos alunos

Depois as turmas foram separadas: enquanto uma realizava atividades na oficina de pintura, a outra visitava a exposição propriamente dita. Com um acervo pequeno, mas bastante interessante, a mostra ganhou a atenção dos seus observadores, que já sabiam identificar líticos, cerâmicas e ossos, assim com suas funções. No final houve um documentário acerca do trabalho na região da Cidade de Pedra ao longo desses trinta anos.

A exposição “Pelos Caminhos da Cidade de Pedra: trinta anos de pesquisa arqueológica”, em visita-guiada, trabalhou com os alunos a arte rupestre e a noção de cultura material, além de mostrar variados objetos como urnas funerárias, acessórios, pedras lascadas e polidas, entre outros. Apresentava uma síntese do material colhido e do conhecimento produzido a partir das escavações nos arredores de Rondonópolis – MT. O que mais me chamou atenção foi o fascínio dos alunos com a existência de acessórios indígenas como pingentes, pulseiras e brincos, pois eles nunca pensaram que eles tinham este tipo de “cuidados”. Além disso, a exposição do educador a respeito da

linha do tempo relativa à população indígena foi ótima e captou a atenção do grupo quando ele mostrou que o tal instrumento cronológico é arbitrário e pode ser mudado conforme o ponto de vista que se toma. Após o final da atividade, os alunos voltaram de ônibus para a escola.



Figura 6: A turma inteira, junto dos bolsistas do PIBID, o professor Gonçalo e a professora Dislane, após o fechamento de todas as atividades do dia.

### ➤ ATIVIDADES INTERATIVAS

Uma das atividades mais interessantes da qual montamos, foi o uso de Kit de Objetos Arqueológicos e Etnográficos do MAE- USP, em junho. Percebi que o olhar dos alunos sobre o projeto começou mudar a partir dali. Só havíamos trabalhado em sala, com textos e imagens: A visita ao MAC, apesar de ser interessante, não tinha causado esse despertar. A atividade interativa, de maneira diferente as anteriores, causou euforia porque permitia que os alunos tratassem com algo palpável, além da teoria.

O kit era composto de sete objetos, entre réplicas e originais, permitindo uma visão

mais contundente sobre a cultura material. Além disso, percebi uma dose de emoção ao descobrirem que podiam tocar algo que era visto até então como falácia.

A atividade foi planejada de forma que os alunos buscassem respostas, que pudessem construir um conhecimento e não recebê-lo passivamente. Divididos em seis grupos, ouviram em um primeiro momento a palestra da bolsista Melina Pissolato, que tomou o cuidado de ressaltar que todas as peças, mesmo as rochas, são resultado de ações antrópicas: uma produção humana.

Após a discussão foi distribuído um objeto para cada grupo (dentre cerâmicas indígenas, lamparina grega, pentes com plumárias e líticos). A ideia era que fosse analisada a matéria prima e a técnica, buscando respostas para sua utilidade e por quem havia sido construída. A atividade foi permeada com a colaboração de seis bolsistas que ajudavam os grupos. No final, cada um apresentou seu objeto para a sala, explanando a conclusão da sua observação.



Bolsista ajudando na análise de um objeto etnográfico      Discussão acerca de réplica de cerâmica indígena

Com a proposta de utilizar os kits, as crianças interagiram melhor com a temática, com os bolsistas e entre si. O clima criado por esse tipo de recurso possibilitou maior desenvoltura e a ampliação do senso crítico relacionado à construção da nossa história.

No início de setembro decidimos por utilizar o recurso de kits novamente, utilizando maquetes táteis do MAE-USP, abordando a região de Lagoa Santa – MG. Os alunos puderam tocar e observar o conteúdo de duas maquetes que representavam o passado das populações indígenas e o presente, com arqueólogos escavando o local. Além disso, o kit continha uma réplica de pintura rupestre e o crânio de um enterramento secundário. Depois dessa análise, fizemos um debate sobre a percepção dos estudantes sobre os objetos, incitando a imaginação, abordando o modo de vida dos povos ilustrados e o trabalho do arqueólogo ao descobrir esses indícios. Sem dúvida, o que mais chamou a atenção deles foi a questão dos sepultamentos e ritos funerários, levando a perguntas complexas acerca das diferenças entre as sociedades e o jeito particular de se relacionar com a morte.

Nesse dia também recebemos a visita da Rede Globo, que filmou a atividade e entrevistou bolsistas, alunos e professores. A matéria visava a entrada de estudantes da graduação no mundo da educação. E foi em uma dessas entrevistas com os alunos, que percebi o quão importante estava sendo para eles o projeto: Me emocionei.



Bolsistas explicando o conteúdo da maquete.



Maquete explicativa de como viviam os nossos antepassados.

Com a proposta de utilizar os kits, as crianças interagiram melhor com a temática, com os bolsistas e entre si. O clima criado por esse tipo de recurso possibilitou maior desenvoltura e a ampliação do senso crítico relacionado à construção da nossa história.



## Referências bibliográficas

Secretaria Municipal de Educação. *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o ensino Fundamental Ciclo II: História*. São Paulo: SME/DOT, 2007.

LANFRANCO, Luíz Pezo. *Descobrimdo a arqueologia: o que os mortos podem nos contar sobre a vida?* São Paulo: Cortez Editora, 2014.

BESSEGATTO, Maurí Luiz. *O patrimônio em sala de aula: fragmentos de ações educativas*. Porto Alegre: Evangraf, 2004.

MARTINS, Maria Helena Pires, *Preservando o patrimônio e construindo a identidade*. São Paulo: Moderna, 2001.

Estudos Avançados/ Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Avançados – vol.1, nº1 (1987)

